

A morte do filho ideal – o trabalho de luto com pais de pacientes autistas na clínica psicanalítica

Danielle Cervino

Fabio Malcher

Carlos Alberto Ribeiro Costa

Introdução

Este texto investiga o trabalho de luto do filho ideal por pais de filhos autistas quando do impacto do diagnóstico da doença. Partimos então da fantasia do filho ideal, para discutir sob o aporte de Freud e Lacan, os conceitos de idealização e sublimação, bem como do objeto *a* como forma de materializar o desejo.

A espera de um filho gera inúmeras expectativas nos pais, uma vez que são objeto de seu desejo e amor, figurando como suporte para suas fantasias. Freud (1914) ao falar de narcisismo, descreve um estado de enamoramento quanto ao investimento da libido objetal, afirmando que o amor ao objeto nada mais é que um resgate do narcisismo primário do próprio sujeito. Segundo Freud há um abandono da própria personalidade em favor do investimento no objeto, como uma forma de tentativa de integrá-lo ao seu eu ideal. Para tanto, descreve a idealização como *um processo envolvendo o objeto* (p.40), em que este é supervalorizado, e a sublimação - uma forma de satisfação parcial da pulsão - *como um processo em que o instinto se lança a outra meta* (p.40). Logo, processos distintos que se encontram presentes quanto à fantasia.

Lacan (1962-63), por outro lado, parte da ideia de que o amor é feito da idealização do desejo (p. 209), sendo uma forma de sublimá-lo, ou seja, fantasiar com o objeto. Afirma que são dois processos que se interligam através do amor, que coloca como pivô do desejo. Desta forma, assevera que esta relação é ilusória, pois o desejo se dirige na verdade ao objeto *a* que marca o lugar do vazio, da falta, sendo constituinte do sujeito. Isto por si só, traz a assertiva de que para desejar é preciso ter a falta.

Com este percurso, pretendemos demonstrar que a partir da frustração da fantasia do filho ideal, perfeito, quando do diagnóstico do autismo, há um estado de estagnação no circuito pulsional neste ponto, em que o objeto real, imperfeito, mostra-se incapaz de ofertar contornos para o investimento libidinal. Com efeito, o que

percebemos, é que não há meios de sublimação possível, ou seja, não há recursos para a fantasia, sem que primeiro ocorra o luto do objeto perfeito.

Recorremos a um recorte clínico, em que resta evidente a necessidade do trabalho de luto do filho ideal com os pais, quando do tratamento com os filhos autistas, não apenas como forma de auxiliar na difícil relação e rotina entre estes, mas também como um ponto essencial à direção de seu tratamento.

A fantasia do filho ideal

Quando da expectativa do nascimento de um filho, podemos supor, sem contradição, que o desejo dos pais é sempre de que venha com saúde. É o que comumente se diz. Entretanto, o desejo por este filho se reflete em diversas fantasias. É menino? Menina? Será parecido com o pai ou com a mãe? Será médico? Advogado? – São inúmeras ilusões sobre uma criança que, como nos diz Lacan (1949) já é falada antes mesmo de falar. Isto, por si só, já nos dá uma ideia da dimensão do desejo desses pais por um filho perfeito, um filho idealizado – o filho que lhe é ideal – fruto de seus anseios e desejos.

A respeito da fantasia, Freud nos fala que *as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda a fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.* (1908, p. 137). Propõe, assim, que haja uma íntima relação entre o desejo e a fantasia, conforme veremos no fragmento clínico em que tal relação resta evidente.

Tal ideia encontra-se, permanentemente, subjacente às elaborações teóricas de Freud, em 1914, no seu texto *Introdução ao narcisismo*:

As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. *His majesty the baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. (Freud, 1914, p.37)

Desta forma, o que podemos refletir é que a criança, neste momento, enquanto objeto de desejo e de amor de seus pais, figura como suporte para suas fantasias. Fantasias que se apresentam como formas de reviver e reproduzir expectativas que lhes eram idealizadas, e que, porém, por contingências da vida, acabaram abandonadas.

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo há muito abandonado. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil (p.36)

Neste trecho, o que podemos refletir é que os pais precisam investir nos filhos, não apenas para que estes possam constituir o seu Eu ideal, mas também, porque, *alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la* (pg. 48). Concluimos que tal investimento é medida necessária para que possam resgatar seu próprio narcisismo.

Partindo das reflexões acima, se faz importante esclarecer que Freud distingue a libido narcísica – voltada para o Eu – da libido objetal – voltada para o objeto exterior, apontando a existência de uma oposição entre as duas, em que *quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra* (p.17). Assim, nos diz quanto à libido objetal que *aparece como estado de enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto* (p.17). Ora, é quanto ao estado de enamoramento dos pais pelo filho, expressado pelas suas fantasias, que podemos então partir para pensar a relação entre sublimação – um dos destinos possíveis para a satisfação da pulsão – e a idealização.

O que Freud nos diz é que a sublimação possibilita a satisfação da pulsão para outro objeto através de outra meta, uma vez que a questão aqui é quanto à libido objetal. Já, a idealização, parte de uma inflação do objeto, ou seja, a questão circula tanto na libido narcísica como na libido objetal (p.40). Podemos dizer que na fantasia do filho ideal há uma idealização deste, pois o objeto encontra-se inflacionado num ideal de perfeição, que precisa cair para que o sujeito possa ter a oportunidade de buscar sublimar.

É importante situar que tratamos até aqui das expectativas prévias dos pais quando do nascimento de seus filhos, quando trazem inúmeras fantasias a respeito do filho ideal, o filho perfeito. Porém, a partir do nascimento deste filho, e à medida que vai crescendo, a realidade se impõe. A fantasia aos poucos não consegue mais dar conta das expectativas. Conforme vimos, o objeto amado, idealizado, perfeito, deve cair para que o investimento libidinal possa ser feito de outra forma, dando espaço para novas expectativas e novos desejos. Quanto a esta relação com o objeto, Freud indica que

quando o objeto é fonte de prazer o Eu tenta incorporá-lo, amando-o, e quando é fonte de desprazer o Eu tende a afastar-se dele (Freud, 1915, p.76).

Situamos a relação do Eu com o objeto, refletindo que para os pais até o nascimento de seus filhos, quando estes são objetos de seu desejo, há na fantasia uma relação de prazer que perpassa esse objeto, e, de certo modo, o amor dispensado a ele é uma forma do Eu buscar incorporá-lo. Entretanto, na realidade, esse objeto perfeito de amor está no campo do impossível, e, inevitavelmente, em algum momento, se torna também fonte de desprazer, uma vez que tais expectativas fantasísticas dos pais são incoerentes com o princípio de realidade, em que mostra *que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda a libido seja retirada de suas conexões com esse objeto*. (Freud, (1917[1915], p.174) Logo, há um certo rompimento. É preciso perder este objeto ideal – processo que gera desprazer e muitas vezes se apresenta doloroso e frustrante – para que haja a retirada da libido no objeto, investindo para o Eu, podendo então se organizar para um novo investimento objetal. A este processo, Freud chamou de luto (1926, p.123).

Se para Freud ama-se para ser amado num movimento de resgate do narcisismo primário, Lacan fala que esse amor é causa de desejo, uma vez que desejo é fruto de uma idealização plena impossível de ser resgatada, porém, passível de ser sublimada em objetos parciais de amor. Damos o amor que idealizamos para nós mesmos, sublimado para a pessoa – como nosso objeto de desejo – porém, o retorno desse amor gera uma regressão da libido ao Eu, um investimento que nos revela que faltamos para com a pessoa amada, pois ao darmos algo do que não temos para ela, transmitimos o lugar da falta. Se não há falta, não há desejo. E, *o desejo (...) é desejo de desejo*. (Lacan, 1962-63, p.360). De qualquer modo, evidencia-se de maneira inconteste que o desejo é ilusório, porque *sempre se dirige a um outro lugar, a um resto, um resto constituído pela relação do sujeito com o Outro que vem substituí-lo*. (p.262). A este resto Lacan chamou de: *objeto a da fantasia, suporte do desejo*. (p.194). Em outros termos:

Um resto precário e submisso, sem dúvida, pois, como todos sabem hoje em dia, sou para sempre o objeto cedível, o objeto de troca, e esse objeto é o princípio que me faz desejar que me torna desejoso de uma falta – falta que não é uma falta do sujeito, mas uma carência imposta ao gozo situado no nível do Outro. (p.359)

Quanto à função do *a*, podemos dizer que separa *o desejo do lugar do gozo* (p.359), razão pela qual *O desejo só pode ir ao encontro dele, e, para encontrá-lo, deve não apenas compreender, mas transpor a própria fantasia que o sustenta e o constrói.* (p.359). Desta forma, no lugar da extração do objeto *a* – objeto resto de gozo e causa de desejo – instaura-se um vazio, uma falta, em que se busca ofertar contornos via fantasia. Assim, estamos condenados a uma relação fantasística com os objetos ao longo de nossa vida, objetos que amamos – amamos dando o que não temos esperando sermos amados – logo, objeto do qual podemos ser convocados a fazer semblante ou semblantizar, objeto de desejo do Outro. Como nos fala Lacan, *trata-se do que Freud nos anuncia como sendo o essencial do enamoramento (...). A saber, o reconhecimento do fundamento da imagem narcísica, na medida em que ela faz a substância do eu ideal.*’ (p. 190). Eis então que podemos afirmar que no amor se assume uma falta que não se sabe do que é, mas que, supostamente, o objeto amado, sobrevalorizado, idealizado, teria para oferecer.

Traçamos até aqui um percurso a respeito da idealização do objeto amado e sua sublimação como forma de satisfação parcial da pulsão, uma vez que o objeto ideal – objeto causa do desejo – ou melhor – objeto *a*, encontra-se no impossível de ser alcançado, sendo a fantasia uma forma de se relacionar com tal objeto. Entretanto, compreendida tal operação, resta-nos uma questão: e quando a fantasia mostra-se incapaz de dar conta do objeto, uma vez que este não reflete o Eu-ideal, mas sim o Eu-real, ou seja, o que ocorre quando o objeto real não pode corresponder, ilusoriamente, à expectativa do sujeito quanto a sua própria demanda de amor?

Do luto pelo filho ideal ao desejo pelo filho real

No último tópico nos interrogamos o que ocorre quando a fantasia não dá conta de lidar com o objeto real. Assim, o que se apresenta é um real irrepresentável, em que um objeto ocupa o lugar de objeto *a*, que deveria estar vazio, não havendo o lugar da falta, tendo o sujeito que lidar com a falta da falta, e sem a falta, conforme visto anteriormente, impossível desejar.

O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda a libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição – observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição

pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória (ver o ensaio anterior). O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido. (Freud, (1917[1915], p.174)

Segundo Freud, se faz necessária a perda deste objeto ideal para que o sujeito possa retirar a libido do objeto, voltá-la para o Eu, e, assim, poder realizar um novo investimento objetal. Esse processo diz respeito ao luto. Propõe, assim, que *havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto.* (p.180). Entretanto, Lacan assevera que:

Freud disse sobre o luto como identificação com o objeto perdido. Essa não é uma definição suficiente para o luto. Só nos enlutamos por alguém de quem possamos dizer a nós mesmos: Eu era sua falta. Ficamos de luto por pessoas a quem tratamos bem ou mal, e diante das quais não sabíamos que exercíamos a função de estar no lugar de sua falta. (Lacan, 1962-63, p.156-157)

Com efeito, Lacan coloca o luto em relação direta com a falta, com o lugar do Eu como sua falta. Ou seja, é preciso haver um lugar vazio no sujeito, onde há a falta, para que possa buscar no Outro o objeto *a* – objeto causa de desejo – objeto de amor, que lhe falta.

O que damos no amor é, essencialmente, aquilo que não temos, e quando isso que não temos volta para nós, com certeza há uma regressão e, ao mesmo tempo, uma revelação daquilo em que faltamos para com essa pessoa, para representar essa falta. Mas aqui, em razão do caráter irreduzível do desconhecimento concernente à falta, esse desconhecimento simplesmente se inverte, ou seja, a função que tínhamos de ser sua falta, cremos agora poder traduzi-la em havermos faltado para com ela – quando era justamente nisso que lhe éramos preciosos e indispensáveis. (p.156-157)

Para entender tal situação nos utilizaremos do recorte clínico a seguir em que veremos mais claramente a relação do luto com a falta e com o desejo.

Recorte clínico

Em uma das oficinas do projeto *Circulando*, enquanto os pacientes realizavam as atividades do dia, o pai e a mãe de dois pacientes distintos, observavam e conversavam entre si, junto com um oficinairo. Um dos pais fala a respeito da preocupação quanto ao futuro de seu filho, pensando o que ocorrerá caso venha a lhe faltar. Começa a falar então sobre a ideia de colocar seu filho num curso que possa lhe dar alguma ocupação, um meio de produzir algo, e quem sabe, poder de alguma forma contribuir com suas próprias despesas.

Vale ressaltar que ao longo do tempo a equipe concluiu em supervisão pela importância da estruturação de um trabalho junto aos pais dos pacientes durante as oficinas. Esse trabalho visa, para além de oferecer alguma atividade em lugar da ociosidade da espera pelos filhos na oficina, criar a oportunidade para que os pais e/ou responsáveis dos pacientes possam ter um espaço privilegiado para realizar o valioso trabalho psíquico de lidar com as dificuldades de ter um filho autista ou psicótico. Por um lado acaba por ocorrer uma rica troca de experiências acerca de como lidar com essa situação, o que é interessante. Por outro, constitui-se um espaço que favoreça o surgimento de questões subjetivas que estejam além da condição de pais/responsáveis de autistas e psicóticos, questões que se refiram à própria subjetividade desses pais, retirando a ênfase na função de pai/responsável e abrindo a possibilidade de apontar para outros vetores do desejo desses sujeitos que não se limitem aos filhos. Mães que passam a tratar de questões próprias como mulheres e não somente ligadas à maternidade, por exemplo.

Neste contexto, o oficinairo pergunta para a mãe o que pensa a respeito do futuro de sua filha. Como resposta, a mesma começa a falar de seu outro filho – o mais novo. Diz com certa felicidade, o quanto ele é inteligente, estudioso, que é um exímio jogador de futebol, que certamente vai para a faculdade, que tem um futuro brilhante pela frente. Novamente o oficinairo pergunta sobre sua filha que é a paciente da oficina. Como resposta a mesma apenas diz que o filho mais novo vai cuidar dela, que é obrigação dele, ele não tem outra saída.

A mãe da paciente, que chamarei de C., quando chega ao grupo dos pais, relata em uma reunião o impacto do diagnóstico da filha. Como alternativa para lidar com tal impasse, e por aconselhamento de terceiros, resolve então ter um segundo filho, o qual

seria importante para ajudar no desenvolvimento da filha e poderia amparar a filha no futuro no caso de seu falecimento.

Embora a mãe diga que teve este segundo filho como forma de amparar a filha autista no futuro, por outro lado ela parece ver no nascimento do segundo filho uma forma de compensação da perda narcísica relativa ao nascimento da filha – em que seu Eu-ideal não sustenta o Eu-real – promovendo uma possibilidade de restauração narcísica.

Podemos pensar que ao responder num tom de orgulho sobre as qualidades do segundo filho, mesmo tendo sido perguntada sobre sua filha autista, C. nos mostra a incompatibilidade entre o objeto ideal de suas fantasias – que integra seu próprio Eu-ideal – em relação com o objeto real – que faz parte, com sua imperfeição, de seu Eu-real. Desta forma, se confronta com o real da castração de modo brutal, castração quanto à inexistência do filho ideal, necessitando passar por um processo de luto pela perda deste ideal, para poder lidar com a realidade de um filho cujo furo é de difícil contorno pela via da fantasia. Como nos fala Lacan (1962-63) sobre o luto, é preciso enxergar o furo no objeto amado. Assim, à C. resta a difícil tarefa de fazer o luto do filho ideal, um ideal também inatingível para o seu segundo filho, embora a respeito deste, lhe seja possível fantasiar. Não há sublimação possível a ela quanto à sua filha autista enquanto não conseguir realizar a passagem da perda deste objeto de amor idealizado.

Sobre o luto, Lacan nos fala que é necessário este trabalho a fim *de restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o objeto a, para qual, posteriormente, será possível dar um substituto, que afinal não terá mais importância do que aquele que ocupou inicialmente seu lugar.* (p.363). Entretanto, circunscreve um impasse, pois *o problema do luto é o da manutenção, no nível escópico, das ligações pelas quais o desejo se prende não ao objeto a, mas à i(a), pela qual todo amor é narcísicamente estruturado, na medida em que esse termo implica a dimensão idealizada a que me referi.* (p.364)

Concluimos então que se faz necessário um trabalho com os pais que vise também uma oportunidade de luto do filho ideal. Trabalho essencial não apenas para os próprios pais lidarem com as limitações de seus filhos, mas, principalmente, para que haja uma relação possível, de investimento, nesses filhos, para que os mesmos possam aderir melhor a seu próprio tratamento.

Desta forma, é no trabalho de escuta desses pais que se abre um hiato, um corte, no qual possam falar não apenas das idealizações desses filhos, mas principalmente, do filho real, aquele em que há um furo no qual através do contorno pela fantasia possa advir seu desejo.

Bibliografia

Freud, S. Escritores Criativos e Devaneio (1908). In. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Vol. IX (1906-1908). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

_____. Introdução ao narcisismo (1914). In. Freud S. Obras Completas Vol. 14: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914 -1916]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Luto e melancolia (1917[1915]). In. Freud S. Obras Completas Vol. 14: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914 -1916]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Inibição, sintoma e angústia (1926). In. Freud S. Obras Completas Vol. 16: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Lacan, J. (1955-56). *O seminário*. Livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In Lacan, J. (1998). *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1962-63). *O seminário*. Livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.